

# Hélène Grimaud

01 ABRIL 2017



GULBENKIAN  
MÚSICA



[gulbenkian.pt/musica](http://gulbenkian.pt/musica)

---

MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA



---

MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
MÚSICA DE CÂMARA



MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS  
CICLO PIANO



MECENAS  
CORO GULBENKIAN



## Hélène Grimaud Piano

---

### Luciano Berio

*Wasserklavier*

### Toru Takemitsu

*Rain Tree Sketch II*

### Gabriel Fauré

Barcarola n.º 5, op. 66

### Maurice Ravel

*Jeux d'eau*

### Isaac Albéniz

*Almeria*

### Franz Liszt

*Les jeux d'eau à la Villa d'Este*

### Leoš Janáček

*Nas brumas (Andante)*

### Claude Debussy

*La cathédrale engloutie*

INTERVALO

---

### Johannes Brahms

Sonata para Piano n.º 2 em Fá sustenido menor, op.2

*Allegro non troppo, ma energico*

*Andante con espressione*

*Scherzo: Allegro – Poco più moderato*

*Finale: Sostenuto – Allegro non troppo e rubato*

Duração total prevista: c. 1h 50 min.

Intervalo de 20 min.

# Water

## O tema da água na música para piano

---

As peças características desde cedo integraram o repertório para o piano, tendo os compositores dessas obras criado aproximações musicais mais ou menos descritivas dos diversos temas abordados. O tema que unifica a primeira parte deste recital é a água, elemento que figura também como título do CD *Water* da pianista Hélène Grimaud. Nas suas variadas formas e sugestões, o presente programa congrega obras escritas entre o final do século XIX e o final do século XX, demonstrando uma grande pluralidade de perspectivas. Em algumas obras há uma abordagem mimética ao movimento da água, enquanto noutras a evocação ocupa um lugar central.

**Franz Liszt** (1811-1886) incluiu a peça *Les jeux d'eau à la Villa d'Este* no terceiro volume dos *Anos de Peregrinação*, escrito entre 1877 e 1882. Nessa obra, o compositor tentou capturar o ambiente da Villa d'Este, um palácio renascentista próximo de Roma, conhecido pelas suas muitas e belas fontes. As sucessões de arpejos e *tremolos* que recorrem ao pedal de sustentação tentam emular o movimento das águas, enfatizando o seu caráter líquido. A essa textura de movimento perpétuo são adicionadas melodias sinuosas que reforçam a ambiguidade tonal e a circularidade da obra.

A peça de Liszt serviu de inspiração a **Maurice Ravel** (1875-1937) que, em 1901, compôs *Jeux d'eau*. O movimento livre da água e os sons que esta produz servem de base à obra, desenvolvida em torno de dois elementos principais que são trabalhados, misturados, desenvolvidos e reexpostos. A complexidade rítmica sobre uma harmonia fluida, a sobreposição de planos e os contrastes das texturas são emblemáticos do

estilo do jovem Ravel, à época readmitido nas aulas do Conservatório de Paris, onde foi aluno de Gabriel Fauré.

A década de 1890 marcou o regresso de **Gabriel Fauré** (1845-1924) à composição, após um longo período de inatividade causado por problemas pessoais. Em maio e junho de 1891, o compositor visitou Veneza, onde certamente contactou com a barcarola, a canção do gondoleiro que reflete a cadência dos remos. Este género vocal fascinou diversos compositores que o estilizaram ao piano. A Barcarola n.º 5 foi composta em 1894, num período de reconhecimento tardio do músico. O ritmo periódico e regular serve de base a uma obra onde melodias *cantabile* são intercaladas com passagens virtuosísticas, num contexto de sofisticação harmónica tardo-romântica.

Diz-se que a apresentação de *Jeux d'eau* de Ravel teve um grande impacto na obra pianística de **Claude Debussy** (1862-1918). Alguns elementos do seu estilo de maturidade encontram-se presentes nas primeiras obras para piano, mas a publicação do primeiro caderno de Prelúdios, em 1910, marcou a escrita para esse instrumento no início do século XX. Contrastando com peças que representam o movimento das águas, *La cathédrale engloutie* é uma obra que apresenta características mais estáticas. Aproveitando a ressonância do piano, Debussy sobrepõe diversos planos sonoros pouco movimentados, onde interagem construções harmónicas paralelas de sabor modal. Desta forma, é dissolvida a retórica tonal e valorizado o papel colorista dos elementos constituintes da obra.



GOTA DE ÁGUA © SVEN HOPPE – WIKIMÉDIA COMMONS

As cidades portuárias desenvolvem uma relação muito própria com a água e com a música. Tal é o caso de Almería, um dos mais importantes portos da Andaluzia que **Isaac Albéniz** (1860-1909) retratou na suite *Iberia*. *Almería* foi incluída no segundo caderno da obra, publicado em Paris em 1907. A peça baseia-se na estilização do *taranto*, um *palo* flamenco originário da região. O *palo* é uma forma musical definida por características modais e rítmicas. A regularidade rítmica do *taranto* (*o compás*), a sua inclinação dançável e o recurso ao modo frígio foram adaptados por Albéniz, criando uma obra virtuosística de sabor popular.

A bruma é constituída por gotículas de água. Esse é também o tema de *Nas brumas*, uma das últimas obras para piano solo do modernista checo **Leoš Janáček**. A suite, da qual iremos ouvir o primeiro andamento, foi composta para um concurso promovido pelo Clube dos Amigos da Arte de Brno. Possivelmente composta em 1912, a obra começa com uma melodia simples e angular, que dá lugar a uma secção mais movimentada em que são encadeados acordes paralelos sobre o movimento perpétuo do acompanhamento. A peça, em forma tripartida, termina com o regresso do carácter inicial, até submergir por completo.

Ao longo da segunda metade do século XX, o compositor italiano **Luciano Berio** (1925-2003) conciliou fontes tão díspares como o serialismo, a música tradicional e a música eletrónica. Entre 1965 e 1990 compôs um conjunto de miniaturas para piano solo que designou posteriormente por *Encores*. Inicialmente destinada a dois pianos, *Wasserklavier* (Piano de água) foi a primeira destas a ser escrita. De carácter lírico e remetendo para um contexto tonal, a sua linguagem funde modernismo com romantismo, integrando motivos dos *Intermezzi*, op. 117, de Johannes Brahms e dos *Impromptus*, op. 142, de Franz Schubert.

A obra mais recente do presente recital foi escrita em 1992 como tributo a Olivier Messiaen, falecido nesse ano. O compositor japonês Toru Takemitsu (1930-1996) inspirou-se nas estéticas de Debussy e Messiaen para desenvolver uma linguagem musical própria e fortemente ligada à tradição musical japonesa. Em *Rain Tree Sketch II*, o compositor inspira-se num romance de Kenzaburo Oe, no qual uma árvore armazena as gotas de chuva, libertando-as até muito tempo após a precipitação. É uma obra tripartida num esquema ABA, na qual alguns motivos emergem e submergem na textura sonora caleidoscópica.

# Johannes Brahms

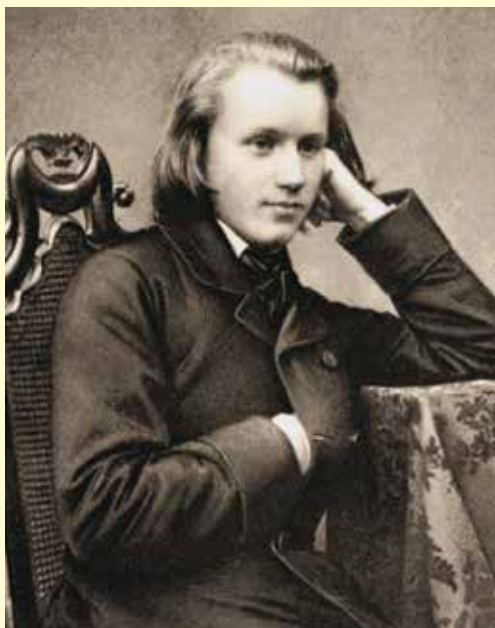
Hamburgo, 7 de maio de 1833

Viena, 3 de abril de 1897

## Sonata para Piano n.º 2 em Fá sustenido menor, op. 2

COMPOSIÇÃO: 1852

DURAÇÃO: c. 27 min.



JOHANNES BRAHMS EM 1853 © DR

A Sonata para Piano n.º 2 de Johannes Brahms concilia a herança beethoveniana com novos modelos expressivos. Apesar de ter sido escrita antes da Sonata n.º 1, foi editada depois, daí o seu número de *opus*. Nessa altura, Brahms era já um pianista reconhecido e compunha nos géneros que melhor potenciavam as suas capacidades. Assim, as sonatas para piano solo datam do seu período formativo. Contudo, o ênfase do Romantismo na expressão direta da sensibilidade do artista veio desvalorizar o género sonata em detrimento de obras de carácter mais livre. A Sonata n.º 2 foi dedicada a Clara Schumann e, à semelhança das sinfonias, tem quatro andamentos. O primeiro dos mesmos encontra-se em forma sonata e é influenciado por uma abordagem orquestral, principiando de forma afirmativa. O primeiro grupo temático remete para o virtuosismo romântico, no qual o músico se desloca pelo teclado tocando passagens em acordes e oitavas. Após uma transição, o lirismo do segundo grupo temático entra em cena, contrastando com a tempestuosidade do primeiro. O desenvolvimento segue a ordem de apresentação dos mesmos e a transição baseia-se no material do segundo grupo temático. O andamento termina

com uma reexposição na qual Brahms apresenta os materiais de forma muito diferente da exposição. O segundo andamento consiste numa forma de tema com variações sobre uma melodia de carácter popular. A sua delicadeza remete para a vocalidade, apresentando-se numa forma de pergunta-resposta, por vezes imitando o eco. A transformação melódica e harmónica e a adição de vozes e temas encontram-se patentes nas três variações, que conduzem ao *Scherzo*, este com um tema lúdico e enérgico reminescente do andamento anterior. O *Trio* é mais estático e inclui temas que evocam o toque dos sinos, a caça e o universo das canções tradicionais, aproveitando as ressonâncias do piano. A obra termina com um andamento em forma sonata. A introdução lenta do andamento remete para a atmosfera etérea do noturno, peça característica dos virtuosos da época. Esta cede lugar a um tema enérgico com características orquestrais, que contrasta com o segundo grupo temático, mais lírico. Após um desenvolvimento instável, o material temático reemerge de forma quase despercebida, conduzindo a um final que retoma a atmosfera da introdução.

NOTAS DE JOÃO SILVA

# Hélène Grimaud

Piano



HÉLÈNE GRIMAUD © MAT HENNEK

Hélène Grimaud nasceu em Aix-en-Provence, em França. Estudou com Jacqueline Courtin e Pierre Bizet antes de ingressar no Conservatório Nacional Superior de Música de Paris. Prosseguiu os seus estudos com György Sándor e Leon Fleisher até 1987, ano em que se estreou em recital em Tóquio. Nesse mesmo ano, foi convidada por Daniel Barenboim para se estreiar com a Orquestra de Paris. Desde então, apresentou-se nos mais prestigiados palcos internacionais, tendo colaborado com a maioria das grandes orquestras mundiais e maestros de renome. Em 1995 estreou-se com a Filarmónica de Berlim, sob a direção de Claudio Abbado e em 1999 tocou pela primeira vez com a Filarmónica de Nova Iorque e o maestro Kurt Masur.

Apresenta-se na presente temporada pela terceira vez em recital na Fundação Gulbenkian, tendo também atuado com a Orquestra Gulbenkian, no Grande Auditório, em duas ocasiões (2000 e 2006). Hélène Grimaud é também uma dedicada intérprete de música de câmara, apresentando-se com regularidade em prestigiados festivais internacionais, nomeadamente em colaboração com músicos como Sol Gabetta, Thomas

Quasthoff, Rolando Villazón, Jan Vogler, Truls Mørk, Clemens Hagen ou os irmãos Capuçon. Grava para a Deutsche Grammophon desde 2002, tendo as suas gravações sido recebidas com os maiores elogios da crítica e merecido importantes prémios como *Cannes Classical Recording of the Year*, *Choc* da revista *Le Monde de la musique*, *Diapason d'or*, *Grand Prix du disque*, *Record Academy Prize* (Tóquio), *Midem Classic Award* e *Echo*. Em 2016 foi lançado o CD *Water*, uma gravação ao vivo que reúne obras de nove compositores. Hélène Grimaud foi distinguida no seu país com os graus de *Officier dans l'ordre des Arts et des Lettres* (2002) e *Chevalier dans l'Ordre National du Mérite* (2008). Em 2004 foi premiada nos *Victoires de La Musique*, em 2005 foi *ECHO Instrumentalist of the Year* e em 2009 recebeu o prémio do Festival de Música de Bremen. Artista carismática e multifacetada, Hélène Grimaud é também uma convicta defensora das espécies animais em vias de extinção. No Estado de Nova Iorque criou o Wolf Conservation Center, uma instituição focada na conservação ambiental. É também membro da organização *Musicians for Human Rights*.



6 Abril

QUINTA, 21:00

# Waltraud Meier

## Orquestra Gulbenkian



GULBENKIAN  
MÚSICA



GULBENKIAN.PT

MECENAS PRINCIPAL  
GULBENKIAN MÚSICA



MECENAS  
ESTÁGIOS GULBENKIAN PARA ORQUESTRA



MECENAS  
MÚSICA DE CÁMARA



MECENAS  
CONCERTOS DE DOMINGO



MECENAS  
CICLO PIANO



MECENAS  
CÓRPO GULBENKIAN





# *Apoiar a cultura*

**pwc**

A PwC, enquanto Mecenas do Ciclo de Piano da Temporada Gulbenkian Música, tem honra em apoiar a cultura, incentivando a divulgação da música clássica.



Conheça-nos melhor  
em [www.pwc.pt](http://www.pwc.pt)



[/pwc.pt](https://www.facebook.com/pwc.pt)



[/company/pwc-portugal](https://www.linkedin.com/company/pwc-portugal)

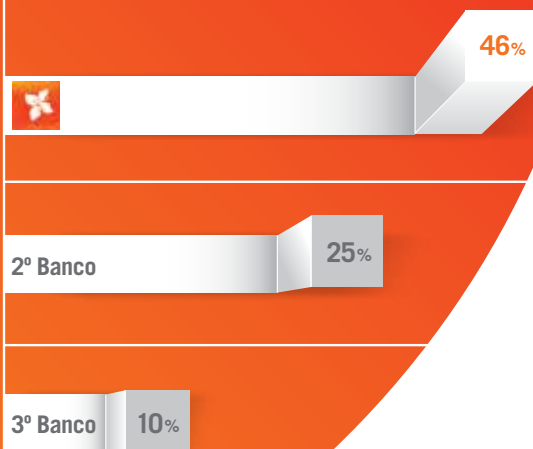
# BANCO DE CONFIANÇA.



**BPI é Marca de Confiança na Banca pelo 3º ano consecutivo.**

O BPI foi reconhecido como a marca bancária de maior confiança em Portugal, de acordo com o estudo Marcas de Confiança que as Selecções do Reader's Digest organizam há 16 anos em 10 países. O nível de confiança do BPI subiu de 39% para 46%, registando o melhor resultado alguma vez alcançado em todo o sistema financeiro português desde o lançamento do estudo em 2001. O BPI agradece este voto de confiança e tudo fará para continuar a merecê-lo.

**Este prémio é da exclusiva responsabilidade da entidade que o atribuiu.**



Pedimos que desliguem os telemóveis durante o espetáculo. A iluminação dos ecrãs pode igualmente perturbar a concentração dos artistas e do público.

Não é permitido tirar fotografias nem fazer gravações sonoras ou filmagens durante os espetáculos.

Programas e elencos sujeitos a alteração sem aviso prévio.

---

---

DIREÇÃO CRIATIVA  
Ian Anderson

DESIGN E DIREÇÃO DE ARTE  
The Designers Republic

DESIGN GRÁFICO  
AH-HA

TIRAGEM  
400 exemplares

PREÇO  
2€

Lisboa, Abril 2017

---

FUNDAÇÃO  
CALOUSTE GULBENKIAN

---

GULBENKIAN.PT